

---

# SABERES E PRÁTICAS NA TRAJETÓRIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

## ***KNOWLEDGE AND PRACTICES IN THE TRAJECTORY OF GEOGRAPHY TEACHING***

**Evlis Reis de Oliveira**

Mestre em Geografia, Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola e Licenciado em Geografia, ambos pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: elvisgeoufes@gmail.com  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8129-4770>

### **RESUMO**

O presente estudo insere-se no campo de pesquisa que investiga as práticas e os saberes na educação escolar, focando no ensino da geografia. O objetivo principal desta pesquisa é, entender no campo teórico como se relacionam os saberes e as práticas de professores de Geografia, analisando a Educação Geográfica como ferramenta para formação da consciência espacial-cidadã. Desta forma, a metodologia adotada tem como base a revisão bibliográfica, objetivando a contextualização sobre a temática, esse processo foi realizado através de leituras e fichamentos. Para desenvolver, a perspectiva dos saberes, a partir da educação geográfica, o presente trabalho buscou recorrer as contribuições do geógrafo Milton Santos.

**Palavras-chave:** Saberes. Práticas. Educação Geográfica.

### **ABSTRACT**

*The actual study to investigate the practices and the knowledge about school education with focus in geography teaching. The principal goal of this research is to understand the relation between knowledge and teacher's geography practices, analyzing the geographic education as tool for formation of sense citizen space. Therefore, the bibliographic review was the methodology adopted. Aiming the contextualization about the thematic, this process was based in reading and files works. To development, the knowledge's perspectives starting of geographic education, was used geographer Milton's Santos reference.*

**Keywords:** Knowledge. Practices. Geographic Education.

### INTRODUÇÃO

As pesquisas acerca das práticas pedagógicas têm se intensificado muito nos últimos anos. Porém, pouco se tem focado a forma como os professores constroem sua formação sobre as teorias pedagógicas e de que maneira essas teorias dialogam com a prática docente.

Para Pontuschka *et al.* (2009), o desenvolvimento profissional dos professores é objetivo de propostas educacionais que valorizam a sua formação não mais técnica, que os considera meros executores das decisões alheias. Ao confrontar as decisões cotidianas com as produções teóricas, é necessário rever as práticas e produzir novos conhecimentos para a teoria e a prática de ensinar.

Foi com o intuito de melhor compreender essas questões que, no decorrer do processo desta reflexão, foi delineando um referencial teórico e metodológico que possibilitou melhor compreensão da problemática de pesquisa, ajudando a entender quais os fatores que propiciam o distanciamento entre o embasamento teórico (teorias pedagógicas e geográficas) e a prática pedagógica em sala de aula, o que contribui para formação da consciência espacial cidadã, onde esta formação estaria diretamente ligada a forma como o aluno lê sua realidade, e pensa o espaço de forma criativa e comprometida, resultando na construção de valores.

Objetivando entender como se relacionam os saberes e as práticas de professores de Geografia, analisando a Educação Geográfica como ferramenta para formação da consciência espacial-cidadã. A metodologia adotada pelo trabalho tem como base a revisão bibliográfica, visando a contextualização sobre a temática, esse processo foi realizado através de leituras e fichamentos de obras que perpassam a temática.

Quando nos referimos aos saberes e à prática, se trata de uma dicotomia, e para Pimentel (2007), a questão dicotômica é algo que acompanha a humanidade dentro de um longo processo histórico, presente nos grandes modelos históricos, que como consequência acabou refletindo nos modelos de formação de professores.

No processo histórico de constituição das ciências em geral, incluindo-se aí a Geografia e a Educação, foram vivenciadas diversas formas de dicotomias que nos acompanham até os dias de hoje, processos cada vez mais presentes dentro do contexto escolar, tais como: pensamento/ação, disciplina/espontaneidade, objetividade/subjetividade sendo que a própria geografia vive uma dicotomia ou até mesmo tricotomia, epistemológica, Geografia Humana/ Geografia Física/ Geografia escolar.

A partir do histórico vivenciado pela Geografia, foram surgindo novas perspectivas de estudos no que tange à Geografia Escolar, aumentado ainda mais as discussões sobre o que seria a Ciência Geográfica e a Ciência Ensinada.

É importante destacar que, na contemporaneidade, a Geografia enquanto disciplina escolar é desafiada a assumir uma posição crítica diante da realidade. Com isso, torna-se cada vez mais necessário estudar e investigar a Geografia ensinada na prática, confrontando-a com os saberes construídos. Para isso, levantamos os seguintes questionamentos: como a Geografia escolar se constitui na prática escolar? Em que medida as orientações teóricas têm ajudado os professores a construírem a Geografia a ser ensinada? Que aspectos dessas orientações têm se tornado mais presentes no cotidiano escolar? Isso porque:

Não são os novos temas, um vocabulário marxista ou pós moderno que renovarão a Geografia escolar, mas uma abordagem dialética e monista capaz de analisar o espaço geográfico como um sistema complexo, abandonando os determinismos simplistas, apoiados em novas estratégias didáticas que apresentem uma coerência metodológica entre o que se pretende ensinar e uma diferente visão sobre como se aprende (SPEGIORIN, 2007, p.35).

Ou seja, é preciso que se estabeleçam novas formas de diálogo entre a teoria e a prática, no intuito de uma Geografia que realmente cumpra seu papel na formação de um sujeito crítico, consciente e comprometido com a sociedade a sua volta.

## O PAPEL DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA PESQUISA E NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Para problematizar a questão dos saberes e das práticas de professores no contexto da Geografia Escolar, faz-se necessário o entendimento do que seria a Educação Geográfica e sua importância no âmbito da pesquisa e do ensino de Geografia na contemporaneidade, de maneira a relacioná-la com a formação da consciência espacial e cidadã por parte dos educandos. Castelar (2005, p. 221), destaca que:

Pensar uma Educação Geográfica significa superar as aprendizagens repetitivas e arbitrárias e passar a adotar práticas de ensino que invistam nas habilidades: análises, interpretações e aplicações em situações práticas; trabalhar a cartografia como metodologia para a construção do conhecimento geográfico, a partir da linguagem cartográfica; analisar os fenômenos em diferentes escalas; compreender a dimensão ambiental, política e socioeconômica dos territórios.

Essas questões estariam diretamente relacionadas com a prática pedagógica desse componente curricular, como um processo formativo crítico de construção de conhecimentos que levariam em consideração as concepções e os espaços de vida dos educandos e não apenas o caráter técnico e meramente informativo presente em uma educação condicionada ao desenvolvimento de habilidades voltadas para o mercado de trabalho e para os resultados de desempenho dos sistemas avaliativos. Destaca-se, nesse caso, a formação do ser em seu sentido integral, humano.

Dessa forma, importa no processo educativo o desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva a partir do conhecimento do aluno e sua leitura de mundo (o espaço geográfico) e de suas experiências cotidianas.

Portanto, faz-se necessário um novo entendimento do que seria a Geografia Escolar pautada no novo século, em face da globalização e do movimento neoliberal após a década de 1980, que agiriam no sentido de repensar as políticas e práticas pedagógicas como um todo.

Trata-se, de esclarecer o processo de globalização, já que essas mudanças de tal processo afetam sobremaneira “[...] o modo de ver e compreender a relação espaço-tempo escolar porque são mudanças no espaço-tempo social e, estas, implicam outra leitura de mundo, outra forma de perceber o espaço de vivência, portanto, outra forma de se ensinar e aprender Geografia” (NOGUEIRA, 2009, p. 30). Nesse contexto, ocorreram transformações e,

[...] mudanças profundas ao campo teórico e prático da Geografia, com destaque aqui para algumas daquelas sofridas pelo campo do ensino dessa ciência, pois é notório que os conceitos-chave que dão sustentação ao ensino dessa ciência, (os conceitos de Espaço, Região, Território, Lugar e Paisagem) saiam do campo das camuflagens muitas vezes propostas em livros didáticos e cheguem até às salas de aulas, como um recurso do saber fazer geográfico para que o ensino não caia num sistema de memorização, como, aliás, ainda ocorre em algumas escolas com o ensino de Geografia (SANTOS; SANTOS, 2011, p. 169).

Para Freire (2006, p. 33), “[...] transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. Seria apenas a partir da formação da consciência crítica que o aluno seria capaz

de compreender e de transformar o mundo. A prática educativa estaria dessa forma relacionada com a responsabilidade ética no exercício da tarefa docente.

Essa problemática direciona uma série de questionamentos quando pensamos a respeito da Geografia que é ensinada na escola:

- Qual seria o sentido da Geografia escolar?
- Quais seriam os conceitos geográficos essenciais para os educandos no processo educativo?
- Qual seria o papel da Educação Geográfica na era da globalização?
- Qual seria a relação desses conceitos com os espaços de vida dos educandos?
- Como esses conceitos formados agiriam para construir um ser consciente do seu espaço e de sua própria história, como possibilidade de mudança?

É a partir desses questionamentos que se faz necessário retomar as discussões acerca da forma como se conduz e se processa a prática pedagógica e seu sentido para a formação de um ser consciente, cidadão.

Segundo Cruz (2012), a educação é uma ação que reflete um determinado tipo de sociedade e a ação do educador estaria, nesse caso, imbuída de intencionalidades e finalidades na sua prática, já que o ensino seria um processo de conhecimento que mediaría a relação entre aluno, professor e conteúdo.

O espaço geográfico, nesse caso, condicionaria essa mesma intencionalidade, uma vez que a forma como esse espaço é construído resultaria de um processo social e histórico, e não apenas como ele se apresenta num dado momento, como paisagem. Segundo Andreis (2009, p. 13),

Pode-se afirmar que os espaços são resultados de escolhas da sociedade, numa constante dinâmica de produção, reprodução e transformação da natureza. Esses movimentos processam-se de forma peculiar em cada cotidiano e lugar que (re) arranja os elementos locais na sua relação com os globais e esses conjuntos construídos são revelados na forma de paisagens. O espaço é vivenciado por todas as pessoas sob a forma de cotidiano e apropriado sob a forma de lugar, num processo de permanente construção de paisagens.

Assim, o conhecimento, a observação e a interpretação do espaço geográfico como resultado de um processo dinâmico, de construção das sociedades (intencionadas) condiciona a própria forma como entendemos e concebemos o espaço que nos cerca, o entendimento que temos sobre o mundo. O espaço geográfico seria, então, a forma como entendemos a realidade concreta, onde, de acordo com Santos (2009, p. 40),

o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade. [...] a própria história se torna um meio, e a síntese realizada através do espaço não implica uma harmonia preestabelecida. Cada vez se produz uma nova síntese e se cria uma nova unidade.

Nesse contexto é que se expressa a importância da escola no processo formativo dos alunos. Para Nogueira (2009, p.15), “a educação escolar estaria encarregada do processo de formação crítico, superando a alienação e a massificação dos sujeitos na sua relação com o mundo”. O que se aprende na escola é vital para fazer uma leitura consciente do mundo em que se vive, assim

sendo, Nogueira e Carneiro (2008, p. 87), nos alertam que “[...] a escola é lugar-força, espaço-tempo em que os sujeitos podem ser projeto e projetar a vida, a sociedade, o mundo. Na escola-projeto há um projeto de sociedade e este é parte do projeto da Geografia escolar”.

Dessa forma, a Educação Geográfica inserida nos sistemas escolares fomentaria a leitura e a interpretação crítica acerca do espaço, que representaria a concretude das relações sociais intencionadas que se apresentam à nossa volta. Essa interpretação deve levar em consideração as diferentes dimensões que se apresentam no espaço geográfico, notadamente pelo reconhecimento das diferentes relações que apresentam pelas interconexões existentes entre o local e o global.

Para Nogueira e Carneiro (2008), a Geografia escolar é objeto de crítica de diferentes autores, uma vez que ainda apresenta características de memorização e descrição dos fatos. Isso reflete uma fragmentação do processo de educação do aluno, cuja formação se apresenta prejudicada ante a necessidade de se construir um entendimento das relações que se estabelecem no espaço geográfico como complexas e sempre em constante transformação. Nesse viés, Andreis (2009, p. 17) aponta que,

[...] ocorreu no contexto da Geografia uma evolução constante e uma sempre maior apuração, complexificação e significação de seu objeto de estudo, atribuindo-lhe um caráter sistêmico, analítico e dinâmico, o que sugere uma dialética, sobretudo em se tratando de educação geográfica escolar. Considerando essa perspectiva, é importante nos perguntarmos acerca da relação entre o espaço geográfico e a Geografia escolar e sua essencialidade para a compreensão de mundo, condição essa entendida como relevante para a contribuição do estudante como sujeito/cidadão.

Nesse sentido, é importante lembrar que a Geografia sempre esteve relacionada com as estruturas de poder político e estratégico, tema de que trata Yves Lacoste em seu livro *A Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, propondo o conhecimento geográfico como fundamental para as estratégias de dominação político-militares, ou seja, como uma estratégia para a criação e manutenção das relações de poder.

Para o autor, existiriam dois tipos de Geografia. A mais antiga, seria a Geografia relacionada com o poder político exercido pelo Estado. A outra, mais recente, reconhecida como “Geografia dos Professores”, estaria relacionada à geografia escolar, para a qual o autor tece importantes considerações críticas sobre o seu papel descritivo e enciclopédico. É nesse contexto que Castellar (2005, p. 210) nos lembra que,

Um dos principais questionamentos de Lacoste (1998) em relação à geografia escolar, a qual denominou “Geografia dos Professores”, refere-se ao fato de essa disciplina estar centrada na memória e na informação. A crítica se dá em função da fragmentação curricular e da maneira como essa área do conhecimento foi desenvolvida – ele afirma que “de todas as disciplinas ensinadas na escola, a geografia é a única a parecer um saber sem aplicação prática fora do sistema de ensino”, realidade que ainda hoje se pode constatar em várias situações do cotidiano das salas de aulas. Nesse contexto é que se expressa a necessidade de se discutir o papel da Geografia da educação escolar.

No âmago dessa problemática é que se torna necessário o debate acerca do significado do papel da Geografia inserida nos sistemas escolares e que orientam os trabalhos e pesquisas sobre o ensino de Geografia.

O que se pretende demonstrar neste trabalho, portanto, é o entendimento do ensino de Geografia como uma possibilidade de construção de uma forma de pensamento estruturada a partir do pensamento crítico do ser acerca do espaço geográfico, e que está em conformidade

com o pensamento de Freire (2006), ao tratar da questão da formação da consciência por parte do educando; também está em conformidade com o pensamento de Santos (2009), que trata do espaço geográfico como resultante de um processo de construção e modificação da natureza pelo homem através da técnica; e, por fim, de acordo com o conceito de formação de uma consciência espacial-cidadã, tratada por Nogueira (2009) em sua tese.

Para Paulo Freire, o ato de educar seria muito mais que um ato de apenas transferir conhecimento, como um ato bancário e verticalizado, já que o educador não seria o detentor absoluto dos saberes. Assim, o conhecimento não seria algo estanque, tido como algo eternamente posto e inflexível, e sim, como algo que se construiria ao longo de um processo de relações entre educando e educador, ou seja, a educação seria algo que ocorreria sempre mediado entre duas pessoas, e que seria possível através da mediação com o mundo. Nesse contexto é que se expressa a dialogicidade presente na obra do autor. Nas palavras de Freire (2006, p. 26-27),

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Fala bonito de dialética, mas pensa mecanicamente. E como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. A realidade com que eles têm que é a realidade idealizada de uma escola eu vai virando cada vez mais um dado aí, desconectado do concreto.

Percebe-se nesta fala de Freire a importância do papel da formação do professor e a influência de suas concepções nas práticas em sala de aula. Dessa forma, a formação de uma consciência espacial começaria, antes de tudo, pela própria concepção de mundo apreendida pelo professor, que deve ser capaz de relacionar o conhecimento com o qual toma contato à realidade concreta do espaço em que vive e experimenta.

Essa relativização das posturas de entendimento do mundo e vê-lo como possibilidade é que permeiam a obra de Freire. E é nessa circunstância que se expressa a importância da prática docente, pois os professores se encontram imbuídos dessa responsabilidade ética no exercício de sua profissão enquanto agentes sociais dotados da ética universal do ser humano, ética da prática educativa cuja importância se reforça em vários trechos de sua obra como imprescindíveis ao exercício docente. É nesse contexto que o autor cita a importância do “pensar certo” na prática docente. Assim, afirma:

A partir dessas reflexões, pode-se depreender a importância e dimensão da obra de Freire para as discussões acerca dos pressupostos didáticos pedagógicos no ensino e na aprendizagem na Geografia Escolar.

Tradicionalmente, a Geografia é vista como uma disciplina teórica, voltada para a memorização de conteúdos que exprimem o conhecimento de mundo apenas como mera descrição do espaço geográfico, inclusive indicados pela origem grega do nome (geo= terra; grafia= descrição), fato que ainda pode ser percebido nos ambientes escolares em face da permanência de certos aspectos da Geografia Tradicional.

Na realidade, ao contrário do que é pensado, a Geografia é uma ciência, por natureza, sempre em constante transformação. E é através do espaço geográfico que as relações sociais

se corporificam e se expressam ao sujeito participante e transformador dessa realidade, fato imprescindível na consideração da Geografia Escolar na perspectiva proposta no trabalho.

E esse entendimento é fundamental para a construção de uma consciência espacial, crítica e cidadã por parte do aluno, uma vez que a forma como se percebe e se compreende o espaço são fundamentais para a inserção consciente e para o estabelecimento de ações sobre esse mesmo espaço. É sobre esse objeto de estudo que os ensinamentos devem estar baseados.

Vincular ao aprendizado (conhecimento) às vivências diárias do sujeito pode influir diretamente nas aprendizagens dos alunos. E essas questões se relacionam diretamente com o propósito da obra de Freire (2006), que busca os significados dos conhecimentos dos alunos como cenário para o entendimento das questões do mundo atual, em que o aluno deve ser capaz de reconhecer esse espaço e se reconhecer nele, como construtor e potencial modificador da sua realidade, numa perspectiva autônoma e consciente.

Por isso é que o autor aponta a necessidade do respeito aos saberes dos educandos, como forma de compartilhamento de saberes entre aluno e professor:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 2006, p. 30).

Dessa citação de Freire se depreende o sentido e a necessidade da importância da educação interdisciplinar e o necessário respeito à autonomia do educando. Para Freire (2013), as aprendizagens não podem estar desvinculadas da realidade do aluno. Sua situacionalidade seria a forma como estes experimentam a realidade da situação geográfica concreta (SILVEIRA, 2006).

Consequentemente, a Educação Geográfica teria uma posição de destaque no processo formador do aluno, pois, através do espaço geográfico é que vivenciamos o cotidiano, como o percebemos e o experimentamos, onde

Milton Santos (1988) chama a atenção para a relevância da espacialidade ao afirmar que “poderíamos dizer que o espaço é o mais interdisciplinar dos objetos concretos” (p. 61). Da mesma forma, cada elemento e pessoa ocupa um espaço e com este interage diretamente sem intermediação, por isso há possibilidades de, na escola, chamar para significados novos a partir dos significantes de cada um em seu cotidiano, lugar e paisagem. Assim, o cotidiano, o lugar e a paisagens são categorias geográficas importantes para todas as áreas (ANDREIS, 2009 p. 35).

Ainda para essa autora, o modo como entendemos e percebemos o espaço geográfico orienta as formas com as quais se constroem e se constituem os conhecimentos na educação geral e na educação escolar, fatores orientadores da práxis cotidiana e que são veiculados pelos meios de comunicação, questão que pode direcionar os conhecimentos a serem apreendidos de maneira linear, apenas como reprodução do conhecimento produzido anteriormente.

Percebe-se nesse sentido um movimento de convergência entre a educação problematizadora e a concepção de espaço geográfico, definido como sistema de objetos e sistemas de ações. Ambos os conceitos são essenciais para formação de uma consciência crítica, espacial e cidadã capaz de reconhecer as relações presentes nesse espaço de construção das sociedades.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio é que se expressa a necessidade e a importância da formação de uma consciência espacial voltada para o desenvolvimento da cidadania ao considerar o espaço geográfico como produto da sociedade, formando um “conjunto indissociável de

sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2009, p. 62). Nesse aspecto é constatado que a natureza é transformada em objetos pelo homem, o que é possível através da técnica. Essa artificialização cada vez maior dos espaços no mundo global promoveria esse estado de incompreensão e alienação acerca do processo de construção dos espaços, conforme assinala o autor,

O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes (SANTOS, 2009, p. 63).

É assim que se expressa a importância da compreensão do espaço geográfico para a formação de uma consciência crítica, já que subsidiariam a formação da consciência espacial e cidadã.

### A CONSCIÊNCIA ESPACIAL CIDADÃ

Para Andreis (2009), o ensino de geografia se amplia mais além do que a mera reprodução burocrática de conteúdo, tanto dos sistemas escolares quanto à escolha do próprio professor, muitas vezes limitados ao uso dos livros didáticos, que exprimem, de maneira geral, os conteúdos padrões temáticos trabalhados com os alunos.

Isso determinará as diferentes formas sobre as quais os alunos aprendem os conteúdos geográficos, que devem se inserir no contexto das mudanças e transformações por que passam as sociedades, atribuindo significado às aprendizagens por parte do sujeito, culminando ou não com a construção de uma consciência espacial e cidadã.

Essa consciência de cidadania não seria algo passível de doação ou transmissão, mas sim um processo de construção e desenvolvimento que só seria possível por meio de um processo de busca, desenvolvido e conquistado pelas análises e vivências do educando a serem trabalhadas na escola.

Nessa perspectiva, pode-se compreender que o espaço geográfico e a geografia escolar são fundamentais para a vida e construção de uma consciência espacial e cidadã, que compreende os movimentos articuladores presentes num espaço sempre em constante transformação, do qual o cidadão participa.

Essa compreensão oportuniza o entendimento do lugar como constituinte e como resultado de complexas relações que se processam na constituição das paisagens e que são os resultados de diferentes relações entre o local e o global. Para Andreis (2009), o fato de ser cidadão não se relaciona somente com os direitos e garantias proporcionados pelo Estado e os seus territórios limítrofes, mas também com o caráter simbólico presente nas práticas e que proporcionam a sensação de pertencimento. Segundo Damiani (2006, p. 50):

A noção de cidadania envolve o sentido que se tem do lugar e do espaço, já que se trata da materialização das relações de todas as ordens, próximas ou distantes. Conhecer o espaço é conhecer a rede de relações à qual se está sujeito, da qual se é sujeito. Alienação do espaço e cidadania se configuram um antagonismo a considerar.

Dessa maneira, o ensino de Geografia e a construção de uma consciência espacial-cidadã devem estar em conformidade com a interpretação do espaço através dos múltiplos fatores intencionados que o condicionam e do qual o sujeito coparticipa nessa constante construção vivenciada pelo cotidiano e apropriado sob a forma de lugar, como espaço de pertencimento do sujeito, mas que se relaciona com as diferentes escalas dos espaços.

É exatamente essa a crítica que se faz a um ensino fragmentado e alienado dessa realidade concreta, uma vez que impossibilitaria o exercício da cidadania porque não seria capaz de reconhecer e interpretar as diferentes relações sociais que são personificadas pela concretude do espaço. Para Nogueira (2009, p. 79),

[...] a consciência espacial-cidadã é entendida como consciência das atitudes-ações individuais praticadas e produzidas socialmente, a partir de um saber-pensar o espaço com criatividade e comprometimento ético responsável – o que implica em desenvolvimento de valores.

A constituição dessa consciência espacial-cidadã é descrita por Nogueira (2009) é essencial para o entendimento do papel da Geografia na construção e significação da importância da consciência dessa espacialidade. Nesse sentido, o autor afirma:

[...] “a formação de uma consciência espacial-cidadã demanda que se pense e defenda os princípios jurídicos e políticos intrinsecamente relacionados a uma “ética da responsabilidade” (HANS JONAS, 1995), a uma tomada de consciência e atitudes que contribuam para os atores sociais se perceberem como tais e possam, a partir disso, agir em sociedade no plano local-global e global-local, tendo em vista a força do que significa”. Comprometer-se responsabilmente com sua cultura, seu grupo social, sua comunidade, seu lugar de vivência (NOGUEIRA, 2009, p. 84).

A partir dessa citação é que se torna bastante claro o ponto de vista defendido por este trabalho, já que cita a conscientização acerca do espaço como fundamental para a construção crítica e reflexiva do sujeito cidadão, como fundamentais para a formação dessa consciência espacial-cidadã.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos que orientaram a escrita da pesquisa foram pautados em uma educação em Geografia fundamentada na constituição de uma prática educativa voltada para a formação de uma consciência que levasse em consideração o espaço geográfico como unidade de análise, já que se trata do objeto de estudo da Ciência Geográfica.

Assim, retomando a questão inicial que orientou todo o caminhar do trabalho, isto é, “como se relacionam saberes e práticas de professores de Geografia?”

A partir dos indícios apresentados nesse trabalho, fica evidente a necessidade de revisão dos saberes e das práticas nas aulas de Geografia, já que, considerando a forma como os conceitos vêm sendo trabalhados, eles pouco contribuem para o processo de constituição de uma consciência crítica acerca da formação do Espaço Geográfico, entendido como a concretude das relações sociais que se expressam nas paisagens, sempre em constante construção.

## Referências

ANDREIS, A. M. **Da informação ao conhecimento: cotidiano, lugar e paisagem na significação das aprendizagens geográficas na educação básica.** 2009. Dissertação (Mestrado), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul – Ijuí, 2009.

BORGES, V. J. **Mapeando a geografia escolar: identidades, saberes e práticas.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia –MG, 2001.

- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In*: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10. ed. Porto Alegre: Meditação, 2012.
- CALLAI, H. C. A Geografia escolar e os conteúdos da Geografia. **Anekumene**, v. 1, p. 128-139, 2011.
- CALLAI, H. C. A educação Geográfica na formação docente: Convergência e tensões. *In*: Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos [et al.] (org.). **Convergência e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CALLAI, H. C. A Geografia e a Escola: muda a Geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, n.16, p. 133-152, 2001.
- CASSAB, C. Reflexões sobre o ensino de Geografia. **Geografia: Ensino & Pesquisa (UFSM)**, v. 13, p. 44-51, 2009.
- CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005.
- CRUZ, C. R. O Espaço Geográfico como categoria essencial para a constituição de uma cidadania ativa: contribuições de Paulo Freire e Milton Santos. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul, **Anais [...]**, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012.
- DAMIANI, A. L. A Geografia e a Construção da Cidadania. *In*: CARLOS, A. F. A. (org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 50-61.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- NOGUEIRA, V. **Educação Geográfica e formação da consciência espacial-cidadã no ensino fundamental: sujeitos, saberes e práticas**. 2009. Tese (Doutorado) - Departamento de Educação, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2009.
- NOGUEIRA, V.; CARNEIRO, S. M. M. Educação Geográfica e a consciência espacial-cidadã. **Contrapontos**. Itajaí, v. 8, n. 1, p. 85-101, jan./abr. 2008.
- NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educ. Soc.**, 2001, v.22, n.74, p. 27-42. Acesso em: 21 jan. 2019.

PIMENTEL, E. F. **Análise das Teorias Pedagógicas e das Práticas Docentes no Cotidiano do REAJA de Vitória da Conquista – BA**. 2007. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Fundamental).

SANTOS, J. E; SANTOS, V. L. da C. O período técnico-científico-informacional: e o ensino de Geografia: algumas notas. **Caminhos de Geografia – revista online**, Uberlândia, v. 12, n. 39, p. 168-180, set. 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2009.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVEIRA, M. L. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **Geosp**, v. 19, p. 81-91, 2006.

SOARES JUNIOR, F. C. A produção histórica do ensino da geografia no Brasil. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal/RN. **Anais [...]**. Natal/RN: EDUFRRN, 2002.

SPEGIORIN, M. de T. e S. Por **Uma Outra Geografia Escolar: prescrito e o realizado na atividade de ensino aprendizagem da Geografia**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.